

órfão x

gregg hurwitz

Tradução de José Manuel Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para todos os rapazes e raparigas malcomportados, para os que quebram as regras e para os justiceiros...

Philip Marlowe e Sam Spade, Bruce Wayne e Jason Bourne, Bond e Bullitt, Joe Pike e Jack Reacher, Hawk e Travis McGee, o Sétimo Samurai e os Sete Magníficos, Mack Bolan e Frank Castle, os três Johns (W. Creasey, Rambo e McClane), Capitão Ahab e Guy Montag, Mike Hammer e Paul Kersey, o Lone Ranger e o Sombra, Robin dos Bosques e Van Helsing, Beowulf e Gilgamesh, Ellen Ripley e Sarah Connor, Perseu e Coriolano, Hanna e Aníbal, o Pistoleiro sem Nome e Léon o Profissional, Parker e Lucy, Arya Stark e George Stark, Pike Bishop e Harmonica, Lancelote e Aquiles, Shane e Snake Plissken, Ethan Edwards e Bill Munny, Jack Bauer e o Jack das Engenhocas, o Assassino e o Assassino, Zorro e o Besouro Verde, Dexter e o Mad Max, os Doze Indomáveis Patifes e o Dirty Harry, o Exterminador e Lady Vengeance, o Presidiário e Lucas Davenport, Logan 5 e James «Logan» Howlett, V e Vic Mackey, Hartigan e Marv, Sherlock e Luther, Veronica Mars e Selina Kyle

... por serem tão perversos que acabam por ser bons.

Ripley: O que estás a fazer é errado.

Luther: Sim, bem sei.

Ripley: Então por que o fazes?

Luther: Porque é a coisa *certa*.

PRÓLOGO

Prova de Fogo

O corpo com doze anos de Evan está hirto no assento almofadado ao lado do condutor de um automóvel preto que estava a ser guiado em silêncio. Tem um golpe na face e a têmpora ferida. O sangue escorre-lhe ainda quente pelo pescoço, misturado com o suor provocado pelo pânico. Tem marcas em carne viva nos pulsos onde tinha as algemas. O coração quase lhe rebenta no peito e pulsa-lhe na cabeça.

Usa toda a sua força de vontade para não mostrar fraqueza.

Só está nesse automóvel há cinco minutos. O couro cheira-lhe a caro.

O condutor revelou-lhe o seu nome, Jack Johns. Mas nada mais.

Trata-se de um homem já com alguma idade, pelo menos com cinquenta e tal anos, com um rosto largo e bem-parecido. Tem a estrutura quadrada de alguém habituado a jogar à defesa e, para o vincar ainda mais, o olhar de soslaio do beisebol.

Jack tira um lenço do bolso de trás das calças, desdobra-o e estende-lho por cima do tablier.

— Para limpares a cara.

Evan olha para esse belo pedaço de tecido.

— O sangue irá manchá-lo.

O rosto de Jack abre-se num sorriso.

— Não faz mal.

Evan limpa o rosto.

Ele é o miúdo mais pequeno. O último a ser escolhido para os desportos. Foi só através de uma desenfreada série de desafios que arranjou um lugar nesse assento, que conseguiu ser o escolhido.

Nenhum deles soubera o que pensar do Homem Mistério quando este se materializou pela primeira vez na margem dos campos de basquetebol com o chão rachado, a olhar muito para os rapazes, enquanto estes jogavam e competiam. Escondia-se por detrás dos seus óculos Ray-Ban, arrastando os dedos pelo gradeamento e fumando cigarro atrás de cigarro. Andava devagar, nunca com pressa e, no entanto, parecia desaparecer tão rapidamente como aparecia. Havia teorias de sobra. Chamavam-lhe Hector, o Abusador. Um homem de negócios rico, à espera de poder adotar. Um negociante de órgãos humanos no mercado negro. Um recrutador para a máfia grega.

Evan dispusera-se a arriscar.

Tiraram-no de circulação com uma eficiência tal como se ele tivesse sido eliminado das ruas por um disco voador. Uma prova de fogo, sem dúvida, um certo tipo de recrutamento, mas para quê? Evan ainda não faz a mínima ideia.

Tudo o que ele sabe é que aquilo que o espera deverá ser bem melhor do que o que ele deixou para trás em Baltimore Leste.

O seu estômago começa a fazer ruídos que o envergonham mesmo nesse automóvel, nesse preciso momento. Olha para si no espelho lateral. Tem um aspeto desnutrido. Talvez haja muita comida no local para onde vai.

Ou talvez ele seja a comida.

Ganha coragem. Pigarreia.

— Que quer de mim? — pergunta.

— Ainda não to posso dizer. — Jack continua a guiar em silêncio durante algum tempo, depois parece dar-se conta de que a sua resposta não será satisfatória para um miúdo na situação de Evan.

— Talvez não te vá dizer já tudo — acrescenta num tom que quase se torna apologetico —, mas nunca te irei mentir.

Evan põe-se a estudá-lo e decide confiar no que ele diz.

— Será que me vão magoar?

Jack continua a guiar olhando em frente, sem qualquer expressão no rosto.

— Por vezes... — responde-lhe.

1

A Questão das Bebidas da Manhã

Após ter comprado uns quantos silenciadores de pistola a um armeiro com nove dedos em Las Vegas, Evan Smoak dirigiu-se a casa na sua carrinha Ford de caixa aberta, fazendo o seu melhor para que a ferida provocada pela facada não o distraísse.

O corte no antebraço ocorrera durante uma discussão numa paragem habitual de camiões. Geralmente, ele não gostava de se envolver com o que quer que fosse que excedesse as suas missões, mas tinha havido uma rapariga de quinze anos que necessitara desesperadamente de ajuda. De modo que aí estava ele, a tentar não manchar o *tablier* de sangue até que pudesse chegar a casa e lidar convenientemente com esse percalço. Para já, iria tentar ligar esse corte com uma das suas meias, usando os dentes para apertar o nó.

Seria bom entrar em casa, pois há cerca de um dia e meio que não dormia. Pensou na garrafa de vodka, triplamente destilada, na arca frigorífica vertical. Pensou num duche quente e nos lençóis macios da cama. Pensou no telefone *RoamZone* que tinha no porta-luvas e no modo como o mesmo iria começar a tocar num dos dias mais próximos.

Abrindo caminho em direção a oeste, através dos engarrafamentos de Beverly Hills, acolheu o abraço do Wilshire Corridor, uma série de torres residenciais a que, em Los Angeles, se chamavam arranha-céus. O seu prédio, uma espampanância chamada Castle Heights, era o que

ficava mais a leste, o que dava aos andares mais altos um horizonte aberto sobre a baixa. Sem ter sido renovado desde os anos noventa, mantinha o aspeto de uma afluência datada, com lustrosos acessórios em latão e placas de mármore rosa. Ainda que não se tratasse de uma residência elegante que estivesse na moda, numa cidade onde ambas essas coisas eram bastante importantes, Castle Heights adequava-se perfeitamente às necessidades de Evan. Atraía os idosos fora de moda: cirurgiões, sócios maioritários, reformados de cabelo prateado que eram há muito membros de clubes privados. Há uns anos, um armador médio-central dos Lakers tinha-se mudado para aí, trazendo com ele quinze minutos de imprensa problemática, porém, em breve fora substituído, permitindo assim aos residentes instalarem-se melhor nas suas almofadas de sossego e de conforto, sem grandes alardes.

Evan entrou, colocando-se por baixo da pequena arcada em frente da porta dianteira, gesticulando ao homem encarregado de estacionar carros, que ele iria encarregar-se disso. Em seguida, dirigiu-se para a rampa que conduzia às caves do edifício. A sua carrinha encaixava-se perfeitamente no espaço entre dois pilares de cimento, ficando protegida de grande parte dessa zona da garagem e do brilho das lâmpadas fluorescentes do teto.

Na privacidade da mesma, desatou a meia para examinar melhor o corte no braço. As margens estavam lisas e limpas, mas tratava-se de uma coisa impressionante. O sangue coalhado agarrara-se aos pelos e o golpe ainda não parara totalmente de sangrar. O ferimento fora superficial. Seis pontos, talvez sete.

Retirou o telemóvel do porta-luvas. Esse aparelho era feito de borracha preta enrijecida, com uma caixa em fibra de vidro e um ecrã resistente aos riscos e aos impactos, e ele mantinha-o sempre à mão.

Sempre.

Depois de ter olhado para o espelho retrovisor para se certificar de que a garagem estava vazia, saiu e vestiu uma camisola de treino preta que mantivera dobrada no assento de trás. Os silenciadores de pistola foram atirados para um saco de papel, onde acabou também por atirar a camisa suja de sangue e a meia.

Depois de ter verificado o alcance da bateria do telefone (dois traços), pô-lo no bolso da frente das calças e subiu os degraus até ao andar superior.

Fora da porta do átrio, permitiu-se respirar fundo, preparando-se para a transição de um mundo para outro.

Trinta e dois degraus, desde a porta até ao elevador, uma breve ascensão e estaria em segurança.

Entrou no átrio onde o ar cheirava a flores recentemente cortadas. Os seus sapatos chiavam nas lajes do chão enquanto abria caminho, sorrindo discretamente para os residentes que iam entrando e saindo com os seus sacos de compras e as suas conversas telefónicas. Evan tinha perto de trinta e cinco anos e estava em boa forma, embora não possuísse uma musculatura que se tornasse notada. Era apenas um indivíduo normal, não muito bem-parecido.

Castle Heights orgulhava-se das suas medidas de segurança, o que incluía o facto de o elevador ser controlado por um segurança que se sentava à secretária, na entrada. Evan fez um gesto ao guarda que se debruçava diante de uma série de ecrãs por detrás de um balcão alto.

— Vinte e um, por favor, Joaquin — disse Evan.

Uma voz surgiu por detrás dele:

— Limite-se a dizer *penthouse*, não acha? Fica nesse andar, não é verdade? — Uma mão semelhante a uma garra cerrou-se-lhe em torno do braço ferido e Evan sentiu um ardor por baixo da camisola.

Voltou-se para a mulher atarracada e cheia de rugas a seu lado, Ida Rosenbaum do 6.º G, e sorriu.

— Creio que tem razão, minha senhora.

— Além disso — continuou ela —, temos uma reunião da nossa Associação de Condóminos na sala de conferências, no décimo, que irá começar agora mesmo. Tanto quando sei, o senhor faltou às últimas três. — Para compensar o facto de ouvir mal, ela falava muito alto, informando assim todos os que se encontravam no átrio acerca da falta de comparecimento de Evan.

O elevador chegou com um toque de campainha.

O aperto da Sr.ª Rosenbaum intensificou-se e ela fixou o seu olhar arrogante em Joaquin.

— Ele virá à nossa reunião.

— Esperem! Segurem o elevador só um bocadinho! — Tratava-se da senhora do 12.º B, Mia Hall, que empurrava com a anca uma das portas de vidro da entrada com a sua mala pesada a balançar numa mão e o filho na outra, tentando entalar o *iPhone* entre a face e o ombro.

Evan deu um suspiro de cansaço e, com calma, conseguiu libertar o braço da mão da Sr.^a Rosenbaum, enquanto entravam no elevador. Sentiu então que o sangue começara a correr novamente, fazendo com que o tecido da camisola se colasse ao corte.

Logo que Mia começou a andar na direção da porta, arrastando o filho de oito anos pelo braço, começou a cantarolar ao telefone, muito apressadamente:

— Feliz aniversário atrasado, lamento que o meu carro se tenha avariado e eu tivesse que ir ao mecânico que me disse que eu precisava de discos novos para os travões que custam os olhos da cara de modo que não pude ir buscar o Peter à escola e ele teve que ir para casa de um amigo e foi por isso que eu me esqueci de te deixar uma mensagem a desejar-te feliz aniversário.

Ergueu depois o rosto, permitindo que o telefone caísse na sua espaçosa mala.

— Lamento! Lamento, obrigada. — Ao entrar no elevador ainda conseguiu dizer: — Olá, Joaquin. Não temos uma reunião de condóminos agora mesmo?

— De facto, temos — apressou-se a esclarecer a Sr.^a Rosenbaum.

Joaquin levantou uma sobrancelha para Evan, como se a pedir-lhe desculpa, e não demorou até que as portas se fechassem. O perfume de Ida Rosenbaum, nesse espaço fechado, era asfíxiante.

Não lhe demorou muito tempo até quebrar o silêncio que se instalara no elevador.

— Está toda a gente sempre de telemóvel na mão... — comentou com Mia. — Sabe quem previu isto tudo? O meu Herb, que Deus tenha em descanso. Ele disse-me: «Um dia as pessoas vão falar para os ecrãs o dia todo, e nem sequer irão precisar de outros seres humanos...»

Enquanto Mia começou a conversar, Evan olhou para Peter, que tinha os olhos muito escuros postos nele. O seu cabelo muito fino tombava-lhe muito liso da cabeça, à exceção de um caracol na parte de trás que parecia desafiar a gravidade. Um penso rápido colorido fora-lhe aplicado na testa. A sua cabeça inclinou-se, ao olhar para o pé de Evan. Rapidamente este se apercebeu de uma sensação de frio no tornozelo devido à falta da meia, limitando-se a dar um meio passo, colocando assim o tornozelo ofensivo fora da linha de visão do rapaz.

A voz de Mia pairava sobre si.

Sem dúvida, ela perguntara-lhe qualquer coisa e o rapaz levantou os olhos para ela. Uma série de sardas claras salpicavam-lhe o nariz e o seu cabelo castanho e brilhante parecia uma floresta luxuriante. Evan acostumara-se a vê-la como uma desvairada mãe solteira (com as malhas caídas das meias, um pouco ofegante, a equilibrar a lancheira do Batman e a mochila da escola), mas o brilho por detrás dos painéis colocava-a sob uma luz diferente.

— O quê? — retorquiu Peter.

— Então não acha? — repetiu ela, passando a mão, afetivamente, pelo cabelo do rapaz. — Que a vida seria muito mais aborrecida se não tivéssemos pessoas à nossa volta a complicar tudo?

Evan sentiu a humidade do tecido da manga contra o braço.

— É claro — apressou-se a dizer.

— Mãe? Mãe. *Mãe*. O meu penso está a cair.

— Ora aí está — disse Mia para a Sr.^a Rosenbaum, sem lhe retribuir o sorriso. Mia começou a remexer no fundo da mala. — Devo ter aqui mais alguns.

— Quero os dos Marretas — disse logo Peter. Tinha uma voz demasiado grossa para um menino de oito anos. — Quero os dos Animais.

— Deves ter a cabeça cheia deles...

— O Sapo Cocas...

— Esse foi o que te pus esta manhã. Que tal a Miss Piggy?

— Nem pensar. Então quero o Gonzo.

— Por acaso, tenho aqui um.

Enquanto ela alisava com os polegares o novo penso na testa do filho, beijando-o ao mesmo tempo, Evan arriscou uma olhadela rápida à manga da sua camisola. Continuava a sangrar e o tecido preto começava a ficar já mais escuro no antebraço. Mudou de posição e os silenciadores tilintaram no interior do saco de compras que balançava a seu lado. Uma mancha húmida aparecera nesse saco, provocada pela meia encharcada em sangue. Rangendo os dentes, tentou rodar o saco, pondo-o no chão, com a mancha voltada para uma das paredes do elevador.

— Chama-se Evan, não é verdade? — Mia dirigira-lhe de novo a sua atenção. — Qual é a sua profissão? Se não se importa de ma repetir?

— Importador.

— Oh, de que tipo de coisas?

Ele olhou para os botões que indicavam os andares. Esse elevador parecia mover-se de um modo extremamente lento.

— Produtos de limpeza industrial. Vendemos sobretudo para hotéis e restaurantes.

Mia encostou-se a um dos lados. Devido à falta de um botão, as lapelas do seu casaco que imitava uma marca cara abriam-se bastante, o que facilitava uma visão desimpedida da sua blusa.

— Ora... Então não me vai perguntar a que me dedico? — Perguntou-lhe com um tom divertido, mas que não chegava a ser sedutor. — É *assim* que as conversas funcionam.

Procuradora distrital no topo da carreira, no Tribunal de Torrence, enuiuvara há cinco anos e mudara-se, tendo comprado há poucos meses o seu pequeno apartamento no décimo segundo andar com o que lhe restava do seguro de vida do marido.

Evan sorriu de um modo delicado.

— Então qual é a sua profissão?

— Sou — disse ela, com uma grandiosidade fingida — uma procuradora distrital. De modo que terá que ter muito cuidado comigo...

Esperou ter-se mostrado suficientemente impressionado. Ela acenou-lhe afirmativamente com a cabeça e retirou da mala um queque de sementes de papoila. Pelo canto do olho, Evan voltou a reparar no facto de Peter continuar a olhar para o seu tornozelo sem meia, com uma certa curiosidade.

O elevador parou no nono andar. Acabados de sair da sala comum, uma série de residentes invadiram-no, com Hugh Walters à frente, o presidente da Associação de Condóminos e afamado intérprete de monólogos.

— Excelente, excelente — observou ele. — Uma boa comparência no nosso encontro de hoje à noite é essencial. Iremos votar que bebidas deverão ser vendidas de manhã no nosso átrio.

Evan apressou-se a dizer:

— De facto, eu...

— Descafeinado ou normal.

— De qualquer modo, quem é que bebe descafeinado? — perguntou Lorilee Smithson do 3.º F, uma terceira esposa com um rosto vagamente felino devido a décadas de cirurgia plástica.

— Pessoas com arritmia cardíaca — apressou-se a Sr.ª Rosenbaum a esclarecer.

— Ora bem, Ida — irrompeu a Lorilee. — Fala para mim com esse tom porque eu sou uma pessoa bonita.

— Não. Falo assim consigo porque é uma pessoa *estúpida*.

— Sugiro que aí se ofereça *kombucha*¹ — acrescentou o Johnny Middleton, do 8.º E. Um homem na casa dos quarenta, com implantes no couro cabeludo, que se mudara para esse prédio com o pai viúvo, um chefe de finanças reformado, há já alguns anos. Como sempre, o Johnny vestia um fato de treino com o emblema do programa de artes marciais que frequentava e que tinha alardeado incessantemente durante os últimos dois anos. — É uma boa fonte de probióticos e de anticorpos. *Bem mais* saudável do que descafeinado.

Entraram mais alguns residentes, empurrando Evan contra a parede do fundo. Este sentia comichão na pele e uma grande impaciência. Teatros de guerra e zonas de alto risco eram algo que conseguia suportar, mas a conversa de chacha de Castle Heights deixava-o positivamente sem defesas. Mia levantou os olhos do queque, que ia mordiscando, e revirou-os na sua direção.

— Já há algum tempo que não o temos visto, Sr. Smoak — observou Hugh com um ar de arrogância estudada. Olhos inquisitivos começaram a examiná-lo por detrás de óculos de aros pretos antiquados que voltavam a estar na moda. — Gostaria de colaborar connosco na questão das bebidas matinais?

Evan pigarreou.

— Creio que não irei precisar muito de *kombucha*.

— Talvez se treinasse de volta e meia, em vez de passar o dia a brincar com folhas de cálculo... — sussurrou Johnny, como se estivesse num palco, provocando o riso silencioso de Mia e os olhares desaprovadores dos restantes.

Ansiando por chamar a si uma grande paciência, Evan baixou os olhos, vendo que a mancha na manga se continuava a espalhar lentamente. Como quem não quer a coisa, acabou por cruzar os braços para cobrir o sangue.

— A sua camisola... — murmurou Mia. Ela inclinou-se mais para ele, arrastando nesse gesto o odor agradável a loção de erva-príncipe. — Está molhada.

— Entornei-lhe qualquer coisa quando vinha no carro — disse Evan.

¹ Bebida feita a partir de chá fermentado e de leveduras. (N. do T.)

Ela continuava de olhos postos na manga, de modo que ele acrescentou:

— Sumo de uva.

— Sumo *de uva*?

O elevador parou bruscamente.

— Ora esta... — comentou Lorilee. — Que é que aconteceu?

A Sr.^a Rosenbaum disse logo:

— Talvez os seus lábios cheios de silicone tenham tocado no botão para parar.

Os residentes começaram a ficar inquietos e a oscilarem num e noutro pé no interior do elevador, como gado apertado num curral. Um vago vulto ao lado de Evan chamou-lhe a atenção. Tratava-se de Peter que se pusera de cócoras, dirigindo os dedinhos a uma das bainhas das suas calças, para a levantar e poder assim ver melhor esse tornozelo curiosamente sem meia. Evan desviou o pé, empurrando sem querer o saco de papel. Um dos silenciadores de pistola rolou livremente, com o seu tubo metálico a fazer barulho pelo chão.

Os olhos de Peter abriram-se muito, mas depressa o agarrou para o voltar a inserir no saco de Evan.

— Levanta-te, Peter — disse Mia. — Não se anda *de gatas* pelo *chão*. Em que é que estavas a pensar?

Levantou-se com um certo embaraço, esfregando as mãos.

— Deixei cair uma coisa e ele estava simplesmente a apanhá-la — esclareceu Evan.

— Mas que diabo de coisa era essa...? — perguntou logo Johnny.

Evan decidiu que se tratava de uma pergunta retórica.

O Johnny carregou finalmente numa alavanca vermelha e o elevador continuou a subir. Quando chegaram ao décimo andar, Hugh manteve as portas abertas. Olhou então para Peter e Mia.

— Será que não arranjou ninguém para tomar conta da criança?

As cerca de oito mulheres que aí estavam sentiram-se muito incomodadas.

— Sou uma mãe solteira — venceu ela.

— As regras da Associação de Condóminos proíbem expressamente a presença de crianças nas reuniões.

— Então prepare-se, Hugh — avisou-o Mia, com um enorme sorriso. — Não sei se já se deu conta de que irá perder um voto sobre os vasos de begónias a serem pendurados na área da piscina...

Hugh franziu o sobrolho e saiu com os outros para o corredor. Evan tentou ficar para trás, na companhia de Mia e Peter, mas a Sr.^a Rosenbaum estendeu uma mão e voltou a agarrar-lhe no braço, fazendo com que as crostas da ferida lhe estalassem por baixo da camisola.

— Ora vamos lá — disse ela. — Se o senhor vive neste prédio, tem que se chegar à frente, como os outros.

— Desculpe — disse Evan —, mas tenho que voltar para as minhas folhas de cálculo.

Desprendeu-se da mão da Sr.^a Rosenbaum e reparou que as pontas engelhadas dos seus dedos estavam manchadas de sangue. Bateu-lhe levemente na mão, aproveitando esse gesto para lhe limpar os dedos, antes de sair do elevador.

As portas fecharam-se. Mia embrulhou o que lhe restava do queque de sementes de papoila num papel, antes de o meter na mala, e deu um fundo suspiro olhando para o teto. Continuaram nesse elevador em silêncio, Evan a segurar no saco de papel, com a parte de cima dobrada para ocultar a mancha. Manteve o seu pé sem meia e a manga encharcada em sangue junto à parede, do outro lado de Mia e Peter.

Este continuou a olhar em frente. Chegaram ao décimo segundo andar e Mia disse-lhe adeus, saindo com Peter a arrastá-la. As portas começaram a fechar-se mas, de súbito, uma mão pequena tocou nas borrachas, fazendo com que essas mesmas portas dessem um solavanco e se voltassem a abrir.

O rosto de Peter apareceu, com a sua expressão solene, apenas estragada pelo Gonzo que os observava a partir do penso que ele tinha na testa.

— Obrigado por me ter ajudado a disfarçar... — disse ele.

Antes que Evan pudesse dizer o que quer fosse, as portas já se tinham fechado.

2

A Fortaleza de Solidão

A fachada da porta da frente do 21.º A coadunava-se perfeitamente com as outras portas do edifício, de acordo com as regras da Associação de Condóminos, passando assim despercebida aos olhos de lince de Hugh Walters nas suas inspeções mensais aos andares. O que este não sabia era que, por detrás do fino laminado de madeira, se ocultava uma forte placa de metal que aguentaria um enorme incêndio durante seis horas. Esta era também imune a aríetes e pronta a resistir a cargas explosivas postas junto às dobradiças.

Tendo chegado finalmente a casa, Evan meteu a chave no que aparentava ser uma fechadura normalíssima. Ao rodá-la, porém, uma rede oculta de barras de segurança, do outro lado da porta, moveram-se com um certo ruído.

Entrou, voltou a trancar a porta, desativou o alarme, pôs o saco sujo de sangue numa mesinha de vidro e respirou de alívio.

Estava em casa.

Ou pelo menos na sua versão da mesma.

Uma profusão de janelas e de varandas aumentavam o panorama dessa *penthouse* situada a um canto do edifício. A vinte quilómetros para leste, o horizonte da baixa brilhava, com a sua linha irregular, e a Century City erguia-se mais a sul.

A planta do condomínio era bastante aberta, um chão de cimento

cor de metal apenas interrompido por um fogão de sala central, numerosos pilares e uma escada de aço em caracol que conduzia a uma espécie de sótão, que Evan convertera em sala de leitura. A cozinha tinha balcões em betão, eletrodomésticos em aço inoxidável, candeeiros em níquel polido e azulejos retangulares brilhantes no intervalo entre o lava-louças e os armários. A grande ilha central dava para um espaço aberto apenas interrompido por tapetes, vários aparelhos de ginástica e um sofá ou outro.

As janelas e portas de vidro de correr eram feitas de *Lexan*, uma resina termoplástica de policarbonato, e as placas retrativas, para a proteção solar, davam-lhe uma outra camada de disfarçada blindagem. Construído através de uma série de pequenos anéis entrelaçados, como a cota de malha, o metal era composto de uma rara liga de titânio. Essas placas poderiam impedir os tiros de qualquer atirador furtivo que pudesse penetrar nos vidros à prova de bala, e forneciam assim um escudo protetor em relação a materiais explosivos, impedindo, além disso, os olhares de possíveis perseguidores ou assassinos.

Também serviam para fazer sombra.

Até mesmo as paredes tinham sido reforçadas. Evan encarregara-se desses melhoramentos ao longo dos anos, usando sempre fornecedores diferentes, enviando partes do equipamento para várias moradas e montando grande parte do mesmo fora do local de residência. Quando precisava de contratar alguém que se encarregasse da instalação, certificava-se de que essa pessoa nunca teria um conhecimento completo do que estaria a instalar. Com uma planificação meticulosa e muita paciência, construía uma fortaleza de solidão sem que ninguém tivesse dado por isso.

Tinha uma grande afeição ao mundo que criara por detrás da porta do 21.º A; contudo, estava preparado para o abandonar num abrir e fechar de olhos.

Dirigia-se agora para a cozinha, com os sapatos a baterem no cimento polido. A única mancha, ou toque de cor, residia apenas numa chamada parede viva que ele instalara junto do fogão. Um jardim vertical regado gota a gota, onde crescia de tudo, desde hortelã e camomila para fazer chá, a coentros, salsa, salva, manjerição e pimentos para usar em omeletes. Embora estivéssemos em dezembro, a camomila estava a florir no ambiente controlado dessa *penthouse*.

Por vezes, Evan chegava a pensar que a única coisa viva com que partilhava a sua existência era uma parede.

Mas tinha os seus Mandamentos e esses eram tudo para ele.

Chegando perto da arca frigorífica vertical, retirou de uma gaveta uma garrafa de vodca coberta por uma finíssima camada de gelo, da marca polaca *U'Luvka*, que designava também um certo tipo de copo de cristal. Verteu vários centilitros num misturador para cocktails sobre gelo destilado, agitou tudo até ter a mão quase colada ao metal muito frio e, em seguida despejou esse conteúdo num copo gelado para martini. Bebeu, deixando que esse frio intenso lhe aflorasse os lábios e fechando os olhos de prazer.

Flutuou através do odor da parede vertical e saiu por umas portas de correr que davam para sul. O chão da varanda estava coberto de pedras de quartzo que provocavam ruído quando sobre elas se caminhava, e era precisamente esse o objetivo. Um *software* de deteção, montado nas janelas e nas molduras das portas, captava, precisamente, qualquer ruído dessas pedras a serem pisadas, alertando para qualquer objeto que pesasse mais do que vinte e cinco quilos. Os sensores também eram ativados se qualquer coisa de maior volume se aproximasse dos vidros.

Um vaso quadrado junto à margem da varanda continha uma variedade de plantas suculentas e um paraquedas para queda livre, escondido por detrás de um painel disfarçado, caso Evan tivesse que sair à pressa.

Com o cotovelo pousado no muro exterior da varanda, voltou a beber, sentindo que a vodca lhe aquecia o rosto. Na distância, a baía de Marina del Rey brilhava na margem do continente, na orla negra do Pacífico.

Algum movimento no edifício em frente chamou-lhe a atenção. Evan estava em frente ao apartamento 19.º H, do outro lado da rua. Joey Delarosa tornou-se visível, por detrás das persianas verticais, a comer de uma tigela com uma colher de pau, e com um jogo de futebol a tremeluzir por detrás dele. Tratando-se de um contabilista sem grande importância, numa das grandes firmas, passava a maior parte do seu tempo livre a comer e a ver televisão. Uma vez por mês, bebia até se embriagar, chegava a cambalear dos bares de Westwood e telefonava à ex-mulher, num choro. Essas chamadas eram recebidas com toda a frieza; Joey não respeitava a proibição de lhe telefonar nem pagara as mensalidades para o filho, a que estava obrigado, durante os últimos três anos. O

seu derradeiro interlúdio doméstico pusera a mulher, que então estava casada com ele, num coma de dois dias e deixara o filho a coxear para a vida, visto as placas de crescimento em crianças de seis anos serem o que são. A porta de serviço da cozinha de Joey, junto à portinha por onde se deitava o lixo, tinha o tipo de fechadura que Evan conseguiria abrir em cinco a sete segundos, com uma chave de tensão bifurcada.

Evan dedicou-se mesmo a estudar o seu mecanismo. Guardava, na sua cabeça, um catálogo de listas e de plantas arquitetónicas para tudo o que visse, o rosto de cada residente, cada vão de escadas, cada painel de eletricidade e algum cão que não parasse de ladrar.

O Terceiro Mandamento, que ele encaixara bem na cabeça, desde que tinha doze anos, dizia: *Conhece bem o ambiente que te rodeia.*

Durante algum tempo, bebeu a vodca fria e respirou a brisa fresca.

O hábito incitava-o a voltar a olhar para o seu telefone preto *RoamZone*. Apesar do poder admirável da sua bateria de lítio, já só tinha uma barra. Entrou em casa, ligou-o ao carregador por cima do balcão da cozinha e sincronizou-lhe o toque, para que o pudesse ouvir através de um sistema de altifalantes espalhados por esse andar de seiscentos e cinquenta metros quadrados. O número era suficientemente fácil para que ele não o esquecesse.

1-855-2-NENHURES.

Tinha mais um número do que seria necessário, no entanto, dado o estado em que estavam os que lhe telefonavam, era necessário algo simples que pudessem decorar com facilidade.

Esse telefone preto não tocara em dez semanas. O que queria dizer que poderia tocar em breve ou daí a alguns meses. Ele nunca sabia. Porém, não importava quanto tempo demorasse, iria esperar.

Ao sentir-se impaciente, repetiu mentalmente o seu Sétimo Mandamento como se se tratasse de um mantra: *Uma missão de cada vez. Uma missão de cada vez.*

Despiu-se, mantendo apenas os *boxers*, e depois pôs grandes achas na lareira para queimar as roupas, o saco manchado e a meia ensanguentada. Pegando em dois silenciadores de pistola, foi até à casa de banho do seu quarto e pô-los no balcão. A peça central dessa divisão era uma cama *Maglev* que literalmente flutuava a meio metro de altura; consistia sobretudo numa prancha repelida do chão por «ímãs de terras raras» em neodímio. Havia cabos que mantinham essa prancha no lugar,

prevenindo assim a mais pequena oscilação. A companhia finlandesa de *design* afirmava que esse magnetismo poderia ter um efeito curativo, mas não dispunha ainda de suficientes dados médicos. Evan adorava o aspeto que tinha. Sem pernas, sem cabeceira, nem nenhuma outra parte aos pés, era o minimalismo no seu extremo.

Dirigindo-se para a casa de banho, deu uma cotovelada na porta de vidro baço do chuveiro e esta abriu-se silenciosamente, deslizando numa calha. Pôs o duche a correr com a água mais quente que conseguia suportar. Esta retirou-lhe o suor e a sujidade e deu um aspeto mais limpo à ferida que tinha no braço. Não era nada de especial. Era um corte regular e deveria sarar em pouco tempo. Quando saiu do duche, limpou-se a uma toalha e foi tratar do ferimento. Tendo já decidido que não estava interessado em pontos nem em pensos especiais, juntou os bordos do corte e uniu-os com supercola. À medida que a pele fosse sarando, a cola seca começaria a ser rejeitada.

Em seguida foi para o quarto. Na sua cómoda tinha cerca de vinte *T-shirts* com decotes em V, uma dúzia de pares de *jeans* escuros e o mesmo número de camisolas de treino. Depois de se vestir, hesitou e pôs-se a olhar para a gaveta de baixo.

Suspirou e abriu-a. Empurrou os *boxers* dobrados para um lado. Uma pequena reentrância, do tamanho de uma unha na margem da madeira, era o único sinal de que havia um fundo falso com tudo o que isso pudesse pressupor.

Depois de uma rápida ida à cozinha, para ir buscar um cubo de gelo, voltou à casa de banho e retirou os silenciadores de pistola do balcão do lavatório. Dirigindo-se para a área do duche ainda molhada, pegou na alavanca que controlava a água quente e voltou-a de um modo bastante improvável. Essa alavanca era eletrónica, regulada para reconhecer a palma da sua mão. Ao parecer forçá-la, uma porta que não se conseguia distinguir nessa parede de azulejo abriu-se para dentro, revelando uma divisão secreta.

Mentalmente, referia-se a esse espaço, com trinta e sete metros quadrados, como a *Caixa-forte*. Durante uma falsa remodelação, conseguira «emparedar» o espaço de arrumações desse andar. Entalado por baixo das escadas comuns que se dirigiam ao telhado, essa divisão tinha vigas expostas, paredes ásperas de cimento e a parte de baixo dos degraus que desciam do teto ainda visível. Nenhum outro condomínio tinha um

espaço semelhante, de modo que ninguém se lembraria de o procurar e, muito menos, de sentir a sua falta.

Acessível apenas através dessa porta disfarçada, o seu depósito de armas e a mesa de trabalho ocupavam a parede por debaixo dos degraus. Uma estranha secretária em L, construída em metal laminado, albergava uma confusão de torres de computador, antenas e servidores. Uma fila de monitores ao longo de uma parede mostrava-lhe as entranhas de Castle Heights, vários ângulos de salas e de caixas de escadas. A informação de vídeo era facilmente pirateada das câmaras baratas, mas resistentes, importadas de Taiwan, que se encontravam instaladas pela propriedade.

Um computador que não tinha ligação à Internet tinha a sua informação bancária. A sua conta principal mantinha-se secretamente no Luxemburgo sob o nome Z\$Q,R#₃ e o código de acesso era constituído por quarenta palavras sob a forma de uma frase que não fazia qualquer espécie de sentido. Só se poderia aceder a essa conta através de telefone e só era possível transferir dinheiro através de uma série de comandos de voz. Não havia acesso eletrónico, quaisquer marcas de transações ou cartões de débito. Ele espalhara também outras contas através de outros paraísos fiscais, tais como as Bermudas, Chipre e as Ilhas Caimão, e qualquer papelada era tratada por uma série de *trusts* e de empresas para fins específicos sediadas em Road Town, na Tortola².

Tal como Jack costumava dizer, *Rolamentos de esferas dentro de rolamentos de esferas*.

Evan tinha subido muito na vida desde os edifícios de habitação social em Baltimore Leste.

Para além do tapete do rato na mesa central, uma tigela do tamanho de uma saladeira continha Vera, uma planta de aloé vera, do tamanho de um punho fechado, entre pequenas contas de vidro cor de cobalto. Evan deixou cair o cubo de gelo por entre os espinhos desse cato, a única água que bastava para o regar semanalmente.

Arrumou os silenciadores dentro de um cacifo e depois saiu, fechando a *Caixa-forte*.

Por fim, sentou-se na grande sala de estar, com as pernas cruzadas em cima da carpete, com as costas muito direitas e as mãos pousadas calmamente nos joelhos. Estava a meditar e a observar a forma do seu

² A maior ilha das Ilhas Virgens Britânicas. (N. do T.)

corpo a partir do interior, a pressão dos seus ossos contra o chão, o peso das palmas da mão, o canal respiratório: nariz, garganta, peito. Deu-se conta das espirais entalhadas no contador de madeira de sândalo, dos fios individuais da carpeta turca, do modo como as persianas difundiam as luzes da cidade através de um brilho alaranjado. O objetivo era tentar ver tudo como se pela primeira vez, durante o tempo todo.

A respiração era a sua âncora.

Semicerrou os olhos. Estes não estavam abertos nem fechados, tornando o espaço à sua volta vago e onírico, um local onde não havia passado nem futuro. Libertou-se do dia que tivera, as quatro horas a conduzir desde Las Vegas, a faca que o cortara, o zumbido da voz de Hugh Walters no elevador. O ar condicionado soprava-lhe na parte de trás do pescoço. A ferida que tinha no braço começava a irradiar um calor latejante que não era de todo desagradável.

Apercebeu-se de que o seu ombro esquerdo estava ligeiramente deslocado e tentou distender o braço, baixando-o alguns milímetros e sentindo o músculo a esticar. Em seguida, voltou a alinhar-se, carne e pensamento, até se tornar a respiração e apenas a respiração, até o mundo se tornar a respiração e nada mais haver.

Ficou assim sentado durante algum tempo, perdido nessa quietude feliz.

E foi então que Evan foi arrancado ao seu estado de transe sobre o tapete turco. Pestanejou umas quantas vezes, ajustando os olhos e tentando reorientar-se. Logo se deu conta do que o sacudira da sua meditação.

O telefone preto tinha tocado.

3

Destroçada como Eu

O toque do telefone *RoamZone*, em si, não tinha nada de especial.

No entanto...

O próprio número direto, 1-855-2-NENHURES, adquirido originalmente através de um serviço VoIP búlgaro, estava instalado de modo a que os sinais de voz fossem digitalizados e enviados pela Internet através de uma rede de túneis privada, virtual e encriptada. Esse túnel era então encaminhado através de quinze destinos de comutadores de telefones virtuais, à volta do mundo, para o ponto de acesso de Wi-Fi e para o adaptador VoIP que pertencia a Joey Delarosa, no apartamento 19.º H, do outro lado da rua. Daí, voltava a ser inserido na Internet através da rede LTE da *Verizon*. Se, por algum milagre, para lá de quaisquer milagres, os homens do aperto de mão secreto conseguissem rastrear esse fluxo de dados até essa localização e entrassem de rompante no apartamento de Joey, Evan poderia observar toda essa devastação por detrás das suas persianas.

Após cada contacto importante, Evan mudava o serviço telefónico. De momento, este estava alojado numa empresa em Jiangsu, uma província da China que era um pesadelo jurisdicional e logístico para qualquer mente investigadora. O telefone ligava-se perfeitamente a uma rede GSM que funcionava em 135 países e utilizava cartões SIM pré-pagos que se compravam em qualquer máquina de venda automática e que Evan destruía e substituíria regularmente.

Levantou-se e pôs-se a andar descalço sobre o cimento polido, para se dirigir ao balcão da cozinha.

Atendeu o telefone como de costume.

— Precisa da minha ajuda?

A voz fez-se ouvir após um pequeníssimo atraso.

— Será que é... quero dizer, isto é uma piada?

— Não.

— Espere. Por favor... espere. — Tratava-se da voz de uma rapariga adolescente, com um sotaque latino-americano, talvez de Salvador. — Então o senhor existe mesmo? Pensei que era... que era uma lenda urbana, um mito...

— E olhe que sou.

Ele continuou a esperar. Começou a ouvir uma respiração cada vez mais ofegante, mas isso era vulgar.

— Escute. Estou metida numa grande alhada. Não tenho tempo para me pôr com rodeios... se... — Ouviu-se então um soluço abafado. — Não sei mesmo o que fazer...

— Como se chama?

— Morena Aguilar.

— Onde arranjou este número?

— Foi um negro que mo deu.

— Descreva-mo.

O Primeiro Mandamento era: *Nada assumas*.

— Ele tinha uma barba muito mal enjorcada, com alguns pelos brancos, e tinha um braço partido ao peito.

Tratava-se de Clarence John-Baptiste. Um bando de viciados em metanfetaminas tinham-lhe assaltado a casa em Chatsworth, no outono passado, mantendo-o aí cativo juntamente com a filha. Clarence e a menina não tinham sido lá muito bem tratados.

— Onde é que vive?

Ela deu-lhe uma morada em Boyle Heights, em L.A. Leste, nos apartamentos um pouco mais abaixo do Rio de Los Angeles. No território do bando Lil East Side.

— Quando é que nos poderemos encontrar?

— Não posso... Não sei...

Esperou mais uma vez.

— Amanhã — sugeriu ela —, por volta da hora do almoço?

- E onde?
- Eu não tenho carro.
- Será que nos poderemos encontrar em sua casa? — perguntou ele.
- Sim, por volta do meio-dia.
- Então ao meio-dia.

A essa hora era bom. Dava-lhe três horas para inspecionar os blocos de apartamentos nessa área, para encontrar a casa, para ver se não haveria aí transmissores digitais e poder procurar rastros de materiais explosivos. Se se tratasse de uma cilada e ele tivesse que se defender, estaria mais bem preparado.

O Nono Mandamento era: *Coloca-te sempre na ofensiva.*

Mais tarde, na *Caixa-forte*, Evan bebeu chá de camomila enquanto inseria o nome de Morena Aguilar nas bases de dados.

Para além de informação acerca de terroristas inveterados e de outras bases das forças de segurança, ligadas à Internet, a grande maioria dos registos criminais e civis podem ser consultados por qualquer carro de patrulha da polícia que possua um terminal móvel de dados. Isto inclui qualquer *Thoughtbook* da *Panasonic* ligado ao *tablier* de um carro da Polícia de Los Angeles. Cada um desses computadores portáteis pode comunicar diretamente com todas as bases da polícia, incluindo a *CLERS*, *CLETS*, *NCIC* e *CODIS* e, literalmente, com centenas de outros Estados e com bases federais.

Logo que conseguimos entrar num desses computadores dos carros da polícia, podemos aceder ao painel de controlo do *Big Brother*.

Evan não era de modo algum um pirata informático profissional, mas conseguira penetrar sem ser visto em alguns desses carros e carregar parte de um código *reverse* de *SSH* nos seus portáteis, abrindo assim para si mesmo uma porta virtual nas traseiras.

Agora, aconchegado nessa divisão secreta, Evan seguia com todo o seu à-vontade pela autoestrada da informação, em busca de certos detalhes e características para as suas missões futuras, bebendo o último gole do seu fragrante chá.

Durante os últimos quarenta e cinco minutos, Morena Aguilar estivera sentada na caixa tombada de reciclagem, no pátio da frente de uma casa em banda em ruínas, com as mãos entaladas por baixo das pernas, de

modo que os braços magros se lhe arqueavam para fora. Os seus pés descalços balançavam nervosamente sobre a madeira lascada e os joelhos tremiam-lhe. O cabelo escuro estava de tal modo apanhado atrás, que parecia estar-lhe colado ao crânio, antes de cair eriçado e em caracóis a partir do elástico que o prendia. Tinha uns olhos inquietos, a cabeça baixa e algumas gotas de suor a brilharem-lhe nas têmporas.

Estava cheia de medo.

Estacionado junto ao cruzamento, por detrás da carroçaria ferrugenta de um carro abandonado, Evan observava a rua através de uma mira telescópica arrancada a uma espingarda. Num pedaço de relvado ressequido, no pátio em frente à casa de Morena, uma mãe muito jovem, também latino-americana, aparecia com um filho de fraldas por baixo do braço. Esta sentou-o a brincar junto a um tabuleiro de alumínio para assar perus, que tinha enchido de areia. A criança aparentava ser de uma mistura de raças, com os olhos verdes muito brilhantes, contrastando com uma pele cor de caramelo. Quando a criança começou a esgravatar nessa caixa de areia improvisada, ela acendeu um *Marlboro Red* e soprou uma grande fumaça para o céu, enquanto coçava um sinal congénito, semelhante a um morango, que tinha por baixo do braço. Ela não teria mais do que dezoito anos, mas o seu rosto parecia já ter sido marcado pela vida. Um telemóvel avolumava-se-lhe no bolso de trás das calças. Uma outra mãe, também muito nova, empurrou um carrinho de bebé pelo relvado morto para se instalar junto dela. A primeira estendeu-lhe o maço para lhe oferecer um cigarro. Não falaram uma com a outra. Ficaram apenas aí lado a lado, a fumar e a olhar para rua. Duas mulheres muito novas sem nada mais que fazer.

Logo que Evan se convenceu de que não eram perigosas, baixou o telescópio, pegou numa pasta de metal preto e saiu da carrinha.

Ao aproximar-se, Morena reparou nele e levantou-se, apertando na mão o bíceps do braço oposto. Ele veio até esse pequeno pátio. Os anos tinham-lhe marcado o rosto e via-se já um olhar excessivamente frio nos seus belos olhos castanhos. O cheiro a laca do cabelo era muito intenso.

— Ando a vender hipotecas invertidas porta-a-porta — disse ele. — Se não estiver interessada, abane a cabeça.

E foi isso o que ela fez.

— Vou dar uma volta ao quarteirão e entrar pela porta, no pátio de

trás, que deverá estar aberta. Mantenha-a assim. Agora, entre em casa e ponha um ar zangado.

Ela entrou de rompante pela porta de rede e ele saiu desse pequeno pátio para continuar a caminhar pela rua.

Dez minutos depois, estavam sentados em frente um do outro em velhas cadeiras de jardim, numa sala de estar muito pequena. Evan olhava para uma janela muito suja. Na mesinha dessa sala, em frente dele, encontrava-se a pasta preta trancada. Se o código para abrir essa pasta não estivesse correto, esta emitia um choque de oitocentos volts. A mesma continha um microfone ativado pela voz, uma lente minúscula e um potente aparelho capaz de provocar ruidosas interferências que dessem cabo de qualquer tentativa por parte de dispositivos de segurança.

E também tinha papéis.

O ar fedia a pássaros. Um velho papagaio, a que já faltavam algumas penas, inquietava-se numa gaiola no quarto quadrado em frente à sala. A porta aberta deixava ver dois colchões no chão, um psiché com um espelho rachado e uma caixa de trompete amolgada encostada a um aquário com água turva.

— Cenoura, por favor! — falou o papagaio. — Não, por favor. Por favor, não...

Por cima do ombro de Morena, Evan tinha uma boa visão da rua e das duas jovens mães ainda a fumarem em silêncio, no pátio da frente, do outro lado da rua. O choro do bebé tornou-se audível, mas nenhuma das mães fez o que quer que fosse para o consolar.

Evan começou a mexer-se na cadeira e, nesse momento, Morena endireitou muito as costas. Tinha a blusa manchada de suor, abotoada até acima, com um aplique do BENNY'S BURGERS e uma etiqueta de identificação. Com uma certa inquietação, ia repuxando o tecido de poliéster das calças.

— Será que está nervosa por eu estar aqui? — perguntou ele.

Ela acenou logo que sim com a cabeça e, de súbito, voltava a parecer uma miúda.

— Será que é capaz de usar uma pistola?

A pausa foi tão longa que ele começou a duvidar que ela fosse responder.

— Já dei alguns tiros — admitiu ela, por fim. Porém, ele podia dar-se conta de que essa rapariga estava a mentir. Viam-se-lhe gotas de suor

na testa, junto ao cabelo. Tinha as sobrancelhas, quase rapadas, muito levantadas, e um buraco de *piercing* vazio, no nariz, entortava-lhe a simetria do mesmo.

Ele tirou a pistola do coldre que tinha à cintura, fê-la rodar e estendeu-lha. Ela ficou a olhar para essa arma, na palma da mão dele.

A *Wilson Combat 1911* de alta qualidade tinha sido modificada de acordo com as especificações de Evan. Tratava-se de uma semiautomática, com oito balas num pente de aço inoxidável, com o número nove gravado na câmara. O cano era maior, apto a receber um silenciador, e o modo como as balas saíam do pente fora ajustado para assegurar um disparo perfeito. O visor ótico tinha também um grande alcance e estava preparado para que o silenciador não o obstruísse. A arma estava também preparada para uso ambidextro, dado que Evan era esquerdino. Tinha, além do mais, uma aderência segura, para que não disparasse se não se encontrasse na mão. A moldura frontal possuía um verificador de dezoito linhas por cada dois centímetros. O cabo tinha um forro rugoso da marca *Simonich*, para facilitar uma melhor aderência ao ser disparada. Tinha uma coronha em forma de cauda de castor para prevenir o impacto do ricochete do gatilho no dedo, e possuía uma cor negra e baça, capaz de desaparecer na sombra e de impedir o brilho.

Voltou a fazer um gesto para que ela pegasse na pistola.

— Só enquanto falamos, para que não fique nervosa.

Ela levantou-a cautelosamente da mão dele e colocou-a em cima de uma almofada a seu lado. Quando respirou fundo, os seus ombros desceram um pouco.

— Eu não... Eu já não me importo comigo. É ela. *Mi hermanita*... a minha irmãzinha Carmen. Eu nunca funcionei bem desde o princípio. Mas essa miúda...? Olhe que nunca fez nada de mal em toda a sua vida. Ela agora está na escola. E até é *muito boa* nos estudos. Só tem onze anos.

Evan olhou para a caixa de trompete amolgada, que estava no quarto, e depois para Morena.

— Que idade tem?

— Dezassete. — Voltou a respirar fundo. Mais uma longa pausa. Ela parecia não se dar conta da amplitude dos seus silêncios. Não era propriamente taciturna, mas extremamente reservada.

— O meu pai abandonou-nos quando éramos ainda pequenas. *Mi mamá* descobriu que ele tinha morrido há uns anos... Ela... hum....

Morreu o ano passado. Tinha cancro nos ovários. E depois *ele* veio. Encarregou-se de pagar a renda da nossa casa e manteve-nos aqui.

Do outro lado da rua, o bebé ainda não parara de chorar. Uma das mães começou a empurrar o carrinho para a frente e para trás, com algum cuidado.

— Cenoura, por favor! — falou o papagaio, no quarto atrás dele. — Por favor! Por favor, não...!

Evan olhou melhor para Morena. Não lhe queria fazer perguntas. Queria dar-lhe espaço para que ela lhe pudesse contar a sua história à sua maneira.

Ela tirou um telemóvel do bolso das calças.

— Ele deu-me isto. Para me poder enviar SMS sempre que lhe apeteça. Tenho que estar sempre de serviço, não é assim? Mas não faz mal. Ele só me usa *a mim*. Até agora, quero eu dizer... A minha irmã está a ficar mais velha. Está quase a tornar-se uma mulher. Uma mulher madura segundo o que ele diz. — Nesse momento, Morena franziu os lábios. — Ele já queria... com ela, na outra noite. Eu... consegui tirar-lhe daí o sentido, muito à minha maneira. Mas ele disse que para a próxima vez... para a próxima vez... — Mordeu então o lábio para evitar que o mesmo tremesse. — Você não percebe.

— Ajude-me então a perceber.

Ela apenas abanou a cabeça. Lá fora, um som de música *rap* anunciava a chegada de um automóvel. Um indivíduo sentava-se no assento de trás de um descapotável aberto, mantendo uma televisão com um grande ecrã no lugar, enquanto o amigo guiava. O carro desapareceu, mas demorou mais tempo até se deixar de ouvir esse som.

— Tem algum lugar para onde ir? — perguntou-lhe Evan.

— A minha tia está em Las Vegas. Mas isso não importa...

— Por que é que não importa?

Morena debruçou-se e começou então a dizer-lhe com uma certa raiva. — *Você não está mesmo a ver*. Ele disse-me que se a levasse para qualquer lado haveria de nos descobrir. Agora eles até têm acesso a bases de dados. Ele pode encontrar qualquer pessoa. Em qualquer lugar. — Logo depois, a sua irritação pareceu desaparecer. Ela fechou a mão e levou-a aos lábios que tremiam. — Ter-lhe telefonado foi um bocado estúpido. Não diga nada a ninguém. Hei de descobrir uma forma de resolver o problema. Como sempre. Olhe, tenho que ir trabalhar.

Ele sabia que o turno dela só começaria daí a duas horas e que a banca de hambúrgueres onde trabalhava ficava a uma distância de sete minutos a pé. Permaneceu sentado e ela não fez qualquer gesto para se ir embora.

Oscilou um pouco o tronco.

— Eu só não quero que... — Pestanejou, e as lágrimas começaram-lhe a cair pelas faces muito lisas. — Eu só não quero que ela fique completamente destroçada como eu.

Levantou uma mão para limpar a cara e ele reparou que ela tinha, na parte de baixo do antebraço, a marca inflamada de uma vacina. Mas não podia ser, dado a sua idade.

Tratava-se da marca de um ferro em brasa.

Os olhos de Evan tentaram concentrar-se nas jovens mãos do outro lado da rua. A primeira levou o cigarro à boca e só então Evan reparou que naquela mancha, semelhante a um morango, não era um sinal de nascença. Tentou então olhar para o braço da outra mulher, que empurrava o carrinho para trás e para a frente. Ora aí estava, a mesma marca acastanhada que lhe manchava a pele no mesmo sítio.

Morena sentiu que ele reparara nesse detalhe e baixou logo o braço, escondendo essa marca. Mas não antes de ele ter reparado nessa queimadura circular que era semelhante ao cano de uma pistola de calibre 40.

Como, por exemplo, o de uma *Glock 22* que era geralmente usada pela Polícia de Los Angeles.

Voltou a lembrar-se das palavras de Morena: *Ele pode encontrar qualquer pessoa. Em qualquer lugar.* O último abuso de poder. Escravidão humana aí mesmo, a céu aberto. Aquelas raparigas, do outro lado da rua, também tinham que estar atentas às chamadas dos seus telemóveis de serviço. E esses bebés... Começou então a perceber a tristeza nos seus rostos, essa resignação cega.

Morena levantou-se para se ir embora. Alisou a parte da frente da blusa de trabalho e depois inclinou o rosto para trás, para que as lágrimas não lhe comesçassem a correr pelas faces.

— Obrigada por ter vindo — disse ela. — Mas você não está mesmo a ver.

— Agora já estou — retorquiu Evan.

Ela olhou para ele.

— A rua toda? — perguntou-lhe.

Ela voltou a sentar-se na cadeira.

— O *quartirão* todo. — Mais uma vez a voz lhe falhou. — Não quero que ele se apodere da minha irmãzinha.

Evan disse-lhe então:

— Já não terá que se preocupar com isso.